



Educação Física: A opção

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional
apresentado com vista à obtenção do 2º
ciclo de Estudos conducente ao grau de
Mestre em Ensino de Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei
nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei
nº 43/2007 de 22 de Fevereiro).

Orientadora: Professora Doutora Paula Silva

Nuno André Coutinho Vasconcelos Costa

Porto, Setembro de 2013

Ficha de Catalogação

Costa, N. A. C. V. (2013). *Relatório de Estágio Profissional*. Porto: N. Costa. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL; REFLEXÃO.

Agradecimentos

Apesar de este ser um trabalho na sua finalidade individual, houve como que uma comunidade a ajudar-me para que eu pudesse terminar esta etapa do meu desenvolvimento académico. Todas as pessoas que interferiram, de uma maneira ou de outra, durante o meu processo académico, deram o seu contributo de variadas formas, e como tal, quero deixar aqui um agradecimento a todas elas:

- aos meus pais, que foram desde sempre o apoio para tudo não tendo mãos a medir quando de mim se tratou.
- aos meus avós a quem devo muito daquilo que hoje sou.
- ao Professor José Carlos que foi sempre um bom conselheiro com toda a sua experiência e boa disposição.
- à Professora Doutora Paula Silva pela sua exigência e minuciosidade e que fez com que crescesse quer como profissional quer como pessoa.
- aos meus alunos, já que foram todos eles enquanto individualidades e grupo, que me obrigaram a investigar mais e procurar diferentes estratégias para o ensino da Educação Física.
- à Diana por tudo o que significa para mim. Esta conquista também é tua.
- ao Braga, Miguel e Marcos que foram mais que irmãos ao longo destes anos na minha vida académica.
- ao Paulo pela sua pronta disponibilidade sempre que solicitada.
- e por fim ao Ricardo por me proporcionar um espaço de estudo.

Muito agradecido!

Índice

1. Introdução.....	13
2. Enquadramento Pessoal	15
2.1. Reflexão autobiográfica	15
2.2. Expetativas em relação ao estágio profissional	17
3. Enquadramento da Prática Profissional	21
3.1. Âmbito legal e institucional.	21
3.2. Caraterização do meio.....	23
3.3. Caraterização da escola	25
4. Realização da Prática Profissional	27
4.1. Área I - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	27
4.2. Área II e III- Participação na Escola e Relação com a Comunidade.....	39
4.3. Área IV- Desenvolvimento Pessoal.....	43
5. Conclusão e Perspetivas Futuras.....	45
Bibliografia.....	47

Resumo

Este documento surge no âmbito do Estágio Profissional, e procura retratar os momentos mais marcantes durante o ano letivo 2012/2013 na Escola Secundária de Ermesinde.

O núcleo de Estágio era composto por 4 elementos, sendo supervisionado pelo Professor José Carlos (cooperante) e pela Professora Doutora Paula Silva (orientadora).

Este relatório de estágio é um retrato documental das atividades desenvolvidas durante todo o ano letivo, sendo resultado de uma análise crítica e reflexiva de todo o processo de ensino-aprendizagem.

A reflexão encontra-se dividida em quatro capítulos: Enquadramento pessoal, onde relata as expectativas em relação ao estágio e uma reflexão acerca do meu percurso de vida; Enquadramento da prática profissional que mostra o enquadramento legal e institucional mas essencialmente o funcional (contexto do estágio); Realização da prática profissional. Neste capítulo abordo os primeiros contactos, o planeamento, a conceção de ensino, a participação na escola e relação com a comunidade, reflexões e observações de aulas; E por fim é feita uma conclusão onde é realçada a importância desta primeira experiência profissional em contexto real, para o processo de formação do professor.

Deste modo, o Relatório de Estágio é, então, o culminar de todo o trabalho desenvolvido ao longo deste ano letivo, refletindo sobre o mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL; REFLEXÃO.

Abstract

This document, created during my Professional Internship, seeks to communicate the most important moments that took place during the 2012/2013 School Year at the Secondary School of Ermesinde.

The Internship team is composed of 4 elements supervised by Prof. José Carlos (cooperating professor) and by Prof. Dr. Paula Silva (advising professor)

This Internship Report is a written summary of the activities developed during the School Year, resulting from a critical and reflective analysis of the entire learning/teaching process.

The reflections in this document are divided into four chapters: Personal Context which relate my expectations and their impact with the reality of the context of the internship, starting with confrontation of the initial expectations with reality; Context of Professional Practice which delineates not only the legal and institutional context but also the essentials of the internship. Realization of the Professional Internship, this chapter contains the first contacts, planning, conception of teaching, participation in teaching at the secondary school and community interactions as well as reflections on class observations. In this chapter, conclusions are drawn which highlight the importance of this first practical professional experience in the field in the professional development of a professor.

This Internship Report is the culmination of all of the work developed during the School Year and a reflection on the same.

KEY WORDS: PROFESSIONAL INTERNSHIP; PHYSICAL EDUCATION; PROFESSIONAL DEVELOPMENT; REFLECTION.

Índice de Abreviaturas

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

MED – Modelo de Educação Desportiva

PC – Professor Coordenador

PO – Professora Orientadora

UD – Unidade Didática

1. Introdução

O processo de formação de um professor começa numa instituição com competência para tal e o estudante terá desde aí uma longa caminhada até à sua última etapa, o Estágio Profissional. Este, é feito de uma forma gradual e orientada, e onde é esperado que se obtenham ganhos de competência, ou seja, o estudante tem de ter uma postura reflexiva e crítica em tudo a que se propõe.

Este relatório tem em conta as quatro áreas de trabalho, sendo que os objetivos destas quatro áreas se encontram definidos nas normas orientadoras do estágio profissional.

1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Âmbito: “Esta área engloba a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino.”

Objetivo: “Construir uma estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que respeite o conhecimento válido no ensino da Educação Física e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física.”

Conceção: “Projetar a atividade de ensino no quadro de uma conceção pedagógica referenciada às condições gerais e locais da educação, às condições imediatas da relação educativa, à especificidade da Educação Física no currículo do aluno e às características dos alunos.” (Matos, 2013 p. 3)

2. Participação na Escola e Relação com a Comunidade

Âmbito: “Estas áreas englobam todas as atividades não letivas realizadas pelo estudante estagiário, tendo em vista a sua integração na comunidade escolar e que, simultaneamente, contribuam para um conhecimento do meio regional e local tendo em vista um melhor conhecimento das condições locais da relação educativa e a exploração da ligação entre a escola e o meio.”

Objetivo: “Contribuir para a promoção do sucesso educativo, no reforço do papel do professor de Educação Física na escola e na comunidade local, bem como da disciplina de Educação Física, através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora.”

Conceção: “A escola enquanto comunidade educativa e o papel cooperante do professor na (re)construção, no desenvolvimento e na reflexão do Projeto Educativo da escola e nos projetos disciplinares e transdisciplinares.” (Matos, 2013 p. 6)

3. Desenvolvimento Profissional

Âmbito: “Esta área engloba atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, numa perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação.”

Objetivo: “Perceber a necessidade do desenvolvimento profissional partindo da reflexão acerca das condições e do exercício da atividade, da experiência, da investigação e de outros recursos de desenvolvimento profissional. Investigar a sua atividade em toda a sua abrangência (criar hábitos de investigação/reflexão/ação).” (Matos, 2013 p. 7).

O meu Estágio Profissional decorreu na Escola Secundária de Ermesinde, sendo supervisionado ao longo de todo o ano letivo por um professor cooperante e uma professora orientadora da Faculdade.

A estrutura do Relatório de Estágio está dividida em cinco capítulos: introdução, enquadramento biográfico, enquadramento da prática profissional, realização da prática profissional e por fim uma conclusão acerca de todo o trabalho relatado neste Relatório de Estágio e respetivas perspetivas futuras.

A pesquisa realizada para a elaboração deste documento assenta em literatura consultada em documentos impressos assim como em consulta online.

2. Enquadramento Pessoal

2.1. Reflexão autobiográfica

Para se perceber melhor o porquê de estar neste momento a frequentar este mestrado vou tentar escrever neste capítulo aquilo que fui e que sou neste momento para se perceber de onde vem, tal como refere o título do meu relatório de estágio, o gosto pela Educação Física (EF).

Assim sendo, vou tentar em breves palavras caracterizar e refletir sobre a minha pessoa.

Desde muito cedo que o gosto pelo desporto se evidenciou em mim. Desde tão cedo que nem me lembro de muitas das coisas que fazia enquanto era pequeno e que só tenho conhecimento delas porque pais e amigos me contam episódios relacionados com o desporto. Sendo o meu pai jogador de Badminton, desde muito novo que me foram postas raquetes na mão para jogar. Segundo contam os meus pais era uma delícia ver-me jogar raquetes na praia. Ainda mal tinha força para segurar a raquete e sem eles perceberem muito bem como, já conseguia sustentar a bola no ar. Outro caso que não me lembro mas que me mostraram vídeos, foi que, desde os 3 anos de idade, dava saltos mortais para a piscina. Escusado será dizer que o gesto técnico não seria o melhor mas que já dava para perceber que destreza não me faltava. Apesar desta vivência com raquetes em casa, nunca enveredei por nenhum desporto de raquetes mas sim o Judo.

Desde os 6 anos que pratiquei Judo até aos meus 21. A minha carreira como judoca não se pode dizer que tenha sido má, mas sim infeliz. A nível da região norte sempre fui dos melhores na minha categoria de peso vencendo a maioria das vezes o apuramento para o Campeonato Nacional, mas, o infortúnio desde cedo apareceu. Uma operação ao joelho aos 17 anos e 3 luxações no ombro esquerdo com 18 anos fizeram com que tivesse que parar a competição.

Na escola, na disciplina de Educação Física, como seria de esperar, fui sempre aluno de notas de valor máximo. Todos os professores gostavam de

mim porque para além de ser um aluno simpático e bem comportado, nas aulas fazia sempre muito bem tudo aquilo que queriam. Dado este meu talento inato para o desporto cheguei a desafiar alguns professores na escola, nas mais variadas modalidades, para uma partida contra eles. Algumas das vezes saí vencedor já noutras perdi.

Outra paixão minha sempre foi o futebol e apesar de nunca ter jogado num clube foi o desporto que sempre gostei mais de praticar com os amigos, fosse na escola ou em casa. As visitas ao Estádio das Antas eram frequentes já que sempre fui um frenético adepto do Futebol Clube do Porto. Ora acompanhado pela minha mãe ora acompanhado pelo meu pai, ou até por amigos dos meus pais, não gostava de faltar a um jogo de futebol naquele Estádio.

A minha entrada para a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) foi sempre então o objetivo a atingir. Lembro-me como se fosse hoje, que a única faculdade para a qual concorri foi esta. Sabendo de antemão que estaria a entrar para uma excelente instituição fiquei, ainda assim, surpreendido com as instalações e como estas se encontravam.

Claro que, ao longo do meu percurso académico fui confrontado com professores de que gostei mais, professores de que gostei menos, disciplinas que gostei mais, como as de âmbito mais prático, e disciplinas que gostei menos. Porém, reconheço que algumas das disciplinas teóricas que menos gostei, serão necessárias para outras áreas relacionadas com o Desporto que não aquelas que mais gosto, mas que são indispensáveis à nossa formação.

No segundo ano da Faculdade escolhi a opção de Futebol e foi aí que começou a minha carreira como treinador de futebol de 11. Ingressei no Salgueiros para estagiar e neste momento estou no meu quarto ano consecutivo como treinador de futebol.

Outro período muito importante na minha vida académica tem que ver com o facto de ter feito Erasmus em Roma. Lá, conheci diferentes pontos de vista em relação ao ensino, diferentes formas de pensar, aprendi uma nova língua e acima de tudo alargou-me horizontes. Assim que regressei de Roma com a licenciatura terminada ingressei num Mestrado de Alto Rendimento em

Desportos Coletivos no INEFC com a duração de dois anos. No 2º ano foi uma fase muito atarefada para mim já que estava nos 2 mestrados e ainda dava treinos de futebol de 11. Neste momento falta-me concluir a tese para terminar o Mestrado de Barcelona.

Este foi o ano de estágio em que acumulei o treino de futebol e um projecto que tenho em vista com a reconstrução de um palheiro em Esmoriz para a prática desportiva.

O treino de Futebol trouxe-me algumas vantagens no que toca à relação com adolescentes embora a abordagem com os alunos tenha de ser ligeiramente diferente daquela que é feita no treino. Contudo o à vontade perante um grupo de adolescentes e conseguir colocar-me muitas das vezes do lado deles foi um aspeto importante e que fez com que conseguisse ultrapassar muitos dos obstáculos colocados ao longo deste ano de estágio.

2.2. Expetativas em relação ao estágio profissional

Sendo o estágio o culminar da minha formação académica para poder exercer a profissão que sempre desejei, as expetativas não podiam estar mais altas, apesar de saber o momento que atravessamos no ensino português. Não obstante este problema, e sabendo de antemão que nos próximos anos seria muito complicado poder exercer a minha profissão, queria aproveitar este ano para dar o meu melhor e procurar reter o máximo de aprendizagens possíveis deste estágio. Com isto, um dos meus objectivos foi incutir nos meus alunos, acima de tudo, um maior gosto pela prática desportiva e a serem mais autónomos e responsáveis em relação à sua saúde.

Desde o início da formação neste Mestrado foi-me alertado para que numa primeira fase eu fosse capaz de controlar e gerir a turma. Inicialmente esta componente pedagógica não me parecia que fosse ser um problema para mim dado a minha experiência ao nível do treino. Contudo, rapidamente percebi que estava enganado. Na turma existiam diversos problemas, fossem eles ao nível do seu comportamento, ao nível motor, a nível social e até mesmo psíquico. A multiplicidade de problemas com que fui confrontado fez com que

rapidamente tivesse que encontrar estratégias para conseguir ter êxito no ensino das várias modalidades.

O facto de ter uma aluna autista na turma dificultou em muito o meu trabalho pois tinha que dedicar algum tempo da minha atenção à referida aluna. Depois de saber do seu problema, pesquisei sobre como lidar e comunicar com este tipo de pessoas e rapidamente comecei a conseguir a confiança dela. As minhas expectativas em relação a esta aluna não eram altas ao nível da sua aprendizagem, mas, devido ao desafio que obviamente ela me ia colocar, propus a mim mesmo que tinha de conseguir aproximar esta aluna o mais possível ao nível médio da turma.

No meu núcleo de Estágio éramos quatro elementos e como é óbvio, quando nos propomos a alguma coisa pela primeira vez temos a tendência de nos querermos apoiar nas pessoas que vão estar diariamente connosco. Acredito que a procura de saberes é um bom método para conseguirmos atingir a competência, mas, mais ainda do que a sua procura, a sua partilha é deveras importante para que a competência seja atingível. Deste modo, o meu Professor Cooperante foi a pessoa com quem mais discuti sobre os mais variados assuntos e, como tal, a minha aprendizagem passou em muito pelas suas mãos.

Quanto às aulas propriamente ditas, e tendo em conta que a minha turma era do 9º ano de escolaridade, tinha ideia de que eram alunos já com alguma maturidade e, como tal, iriam revelar algum gosto pela prática desportiva. Outra ideia que tinha em relação às aulas de EF era de que podia ser muito complicado obter incrementos na qualidade técnica das várias modalidades.

Tal como refere Canário (2005 p. 148) “ as escolas, são também o lugar onde os professores aprendem”, e, sendo que a primeira modalidade era o basquetebol aproveitei para aprender a ensinar qual seria a melhor maneira de abordar a modalidade. Após a avaliação diagnóstica deparei-me com inúmeros problemas de compreensão do jogo propriamente dito. As ações dos alunos em jogo revelaram aquilo que eu estava à espera. O jogo não era fluído não só porque os alunos revelavam baixos índices técnicos ao nível da modalidade de

basquetebol, mas também, porque o seu posicionamento em campo quer em relação à bola, quer em relação aos colegas não era o melhor. Então o meu trabalho passou muito pelo ensino das movimentações de jogo e não tanto na preocupação em melhorar o drible ou o lançamento.

De acordo com um estudo realizado a professores estagiários de Educação Física numa Universidade de Minas Gerais, Nascimento e Farias, (2012, p.32), referem que “ (...) a capacidade de realizar um planeamento ao nível das necessidades e capacidades dos alunos concretiza-se com o tempo, ou seja, com a prática de lecionação. O professor adquire uma bagagem de legitimação de suas decisões fundamentada no seu repertório teórico e nas suas experiências, que posteriormente passam a ser automatizadas – rotinas de pensamento- no processo de planeamento e, conseqüentemente, na interação da aula.”

Depois de analisar no final da Unidade Didática (UD), o desempenho dos alunos, verifiquei que o jogo era muito mais fluido embora o nível técnico dos alunos não tivesse melhorado significativamente.

Outra das minhas intenções era ficar a conhecer um pouco de toda a realidade que rodeia a escola atual. Não somente as políticas educativas, mas, também, como é que elas se concretizavam na realidade escolar. Queria também interpretar os papéis de diretor de turma e de coordenador de departamento. Foi pena, ter muito do meu tempo ocupado pois não tive a oportunidade de conseguir entrar muito nestes assuntos como gostaria, já que, sendo a educação um fenómeno bastante complexo, exige dos professores não somente os ditos saberes, mas, também o conhecimento da realidade escolar.

As minhas expetativas em relação à escola não eram muito altas no que toca à Educação Física uma vez que só temos à nossa disposição, para as aulas de EF um pavilhão e uma pista de atletismo no exterior com dois campos de basquetebol e um de futebol/andebol. Deste modo sabia que durante o inverno iria ser complicado lecionar algumas das modalidades no interior quando se tinha disponível apenas 1/3 do pavilhão. Como sabia de antemão deste problema e após discutir este assunto com o meu professor cooperante

(PC) optamos por começar com as modalidades que só podiam ser lecionadas exclusivamente no interior do pavilhão como por exemplo a ginástica.

Embora eu pensasse que ia ser um problema maior, todos os professores de EF da escola demonstraram para com os professores estagiários especial atenção e compreensão na cedência de espaços quando necessário.

Todas estas componentes e a necessidade de muitas das vezes ter de ser pró-ativo nas minhas ações fizeram com que tivesse um processo de evolução grande e tornou-me capaz de enfrentar os mais variados obstáculos no que à carreira docente diz respeito.

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1. Âmbito legal e institucional.

O Estágio Profissional (EP) decorre dentro de determinados parâmetros estando eles definidos e pré estabelecidos. Estes parâmetros estão explícitos nos Decreto-Lei nº. 74/2006 de 24 de Março, atualizado pelo Decreto-Lei nº. 107/2008 de 25 de Junho, e pelo Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro. Os presentes Decretos-Lei definem as condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência e determinam simultaneamente que a posse deste título constitui-se como uma condição indispensável para o desempenho docente nos ensinos público, particular e cooperativo, passando desta forma a habilitação para a docência uma habilitação exclusivamente profissional.

Sendo os Decretos-Lei a base legislativa do EP, deles decorre toda a regulamentação referente às instituições de ensino em que o Estágio se insere. Deste modo o Regulamento Geral dos Segundos Ciclos da Universidade do Porto, o Regulamento Geral dos Segundos Ciclos da FADEUP e o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de EF são documentos que regulam o Estágio Profissional.

Estes Decretos-lei valorizam as metodologias de investigação educacional, dando ênfase a um desempenho profissional que se adapte aos desafios específicos da profissão em função dos alunos estagiários e dos contextos escolares e sociais. Valorizam a iniciação à prática profissional associada, em grande parte, à prática de ensino supervisionada, uma vez que esta se constitui como um momento privilegiado de aprendizagem e de desenvolvimento de competências para a docência em contexto real.

O processo de supervisão neste ano introdutório à prática profissional, é deveras importante já que a troca de ideias por parte quer do professor cooperante quer da parte do professor orientador, deve ser constante para deste modo aumentar o conhecimento e alargar os horizontes ao estudante estagiário. Obviamente que a ligação ao professor cooperante foi mais estreita

já que este se encontra diariamente connosco e vive mais os nossos sucessos e insucessos ao longo do ano letivo.

Ainda num seguimento hierárquico referente à estrutura legal e regulamentar do EP, existem um conjunto de normas internas reguladoras do mesmo enquanto disciplina integrante do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de Educação Física nos ensinos básicos e secundário da FADEUP que orientam especificamente os objetivos centrais da Unidade Curricular EP.

3.2. Caraterização do meio

Implantada na parte Noroeste do Concelho de Valongo e a meia dúzia de quilómetros da cidade do Porto, Ermesinde confronta a Norte com a freguesia de S. Pedro Fins (Maia), a Oeste com a freguesia de Águas Santas (Maia), a Este com a freguesia de Valongo, a Nordeste com a freguesia de Alfena e a sul com a freguesia de Baguim do Monte (Gondomar).

Atravessada pelo rio Leça, e abrangendo uma área de cerca de sete quilómetros quadrados, esta cidade apresenta uma topografia pouco acidentada, com uma altitude média que ronda os noventa metros. O seu ponto mais elevado encontra-se no Lugar da Formiga (com cerca de 140 metros de altitude), ao passo que a cota mais baixa será atingida nos lugares da Cancela e da Travagem.

As poucas referências que existem, sobre o seu passado remoto, dizem-nos que, a antiga freguesia de S. Lourenço de Asmes, passou a ser oficialmente designada Ermesinde a partir da Implantação da República no ano de 1910. Sabe-se que em 1911 a Junta da Paróquia de S. Lourenço de Asmes, como era então conhecida, presidida por Amadeu Vilar, requereu ao Governo Provisório que o nome oficial da povoação fosse Ermezinde.

A construção das vias do caminho-de-ferro do Douro e do Minho em 1875, escolhendo uma zona praticamente despovoada, para bifurcação das duas linhas deu à estação o nome do núcleo mais importante da povoação que nesse tempo era o lugar de Ermesinde. Esta zona começou então a povoar-se, rapidamente, com o movimento da estação, tendo o nome de Ermesinde, começado a ser cada vez mais conhecido, ultrapassando o de S. Lourenço de Asmes, nome verdadeiro da freguesia.

É difícil determinar quando é que Ermezinde ou S. Lourenço de Asmes se constituiu em freguesia. No entanto todos os estudos apontam para que tenha sido depois do Concílio de Trento (1545-1563), altura em que se criaram os registos paroquiais.

Ermesinde foi elevada à categoria de Vila em 12 de Junho de 1938. Em 27 de Outubro de 1979, criou-se, o Bairro Administrativo de Ermesinde, cuja

área de intervenção, definida pelo Executivo Camarário, era alargada também à Freguesia de Alfena. Em 13 de Julho de 1990, a Assembleia da República, por unanimidade, aprovou a passagem de Ermesinde a cidade.

Beneficiando de uma privilegiada localização, esta urbe sofreu nos últimos anos um crescimento e uma evolução notável, em que as intervenções do Programa Polis em muito ajudaram. Foram efetuadas melhorias consideráveis em cerca de 30 hectares de núcleo central da cidade, entre a Igreja Matriz e o antigo Edifício da Repartição de Ermesinde da Câmara Municipal de Valongo, passando pela área adjacente à Estação dos Caminhos-de-ferro.

A principal motivação desta intervenção centrou-se numa forte aposta na valorização ambiental, tendo fomentado a criação e beneficiação de espaços públicos e a recuperação e construção de raiz de edifícios vitais para o desenvolvimento da cidade, conduzindo a uma área central mais ampla e convidativa.

Deste modo perspetivou-se para os habitantes de Ermesinde uma melhor qualidade de vida.

A acompanhar toda esta evolução, e falando do que realmente vem a propósito, Ermesinde possui um amplo leque de associações desportivas e culturais, assim como infraestruturas para tal prática, proporcionando assim à sua população facilidades acrescidas de contato com a atividade física.

Cerca de trinta associações desportivas, recreativas e culturais na cidade de Ermesinde que desenvolvem as mais variadas atividades, desde a prática desportiva à intervenção cultural, passando pelo folclore ou pela simples ocupação dos tempos livres.

De notar que atualmente em Ermesinde para além dos vários clubes associadas às mais variadas modalidades, seja ginástica, natação, futebol, andebol, basquetebol, etc., existem quatro ginásios ao dispor da população em geral.

No meio de tudo isto a escola deve desempenhar um papel fundamental no encaminhamento e encorajamento dos alunos à prática desportiva, quer através das aulas de EF quer através do Desporto Escolar. Quanto maior for a

participação dos alunos no Desporto Escolar maior a probabilidade de estes alunos ingressarem em clubes ou associações ligadas à atividade física.

3.3. Caraterização da escola

A Escola Secundária de Ermesinde fica situada na Rua D. António Ferreira Gomes da freguesia de Ermesinde. A presente escola surge como Escola Técnica de Ermesinde que iniciou o seu funcionamento em 1969, focando-se essencialmente no Curso Geral de Comércio, diurno e noturno, também fazendo referência ao Curso de Formação Feminina. A sua sede inicial situada na zona da Formiga foi posteriormente deslocada, uma vez que se notava imensos constrangimentos. As condições precárias deste edifício, conjugadas, com os maus acessos e o aumento da população escolar, entre outros fatores, deram origem ao movimento que lutou pela construção da atual escola que foi inaugurada em 1989.

É uma escola secundária com o 3º ciclo de ensino e ensino secundário, funcionando em regime diurno e noturno. A nossa escola acolhe alunos na sua maioria de Ermesinde e de outras freguesias do Concelho de Valongo, nomeadamente de Alfena, e ainda dos Concelhos da Maia, Santo Tirso, Gondomar e, em menor número, de Penafiel e Paredes. Atualmente tem cerca de 1200 alunos inscritos. O número de alunos tem vindo a diminuir de ano para ano já que as escolas circundantes estão em melhores condições materiais relativamente a esta. “O desinvestimento na Escola Secundária de Ermesinde está a atingir proporções danosas. Uma escola que se espera que seja para todos está agora a tornar-se numa escola para aqueles que não encontram alternativas.” (Blog: viajandonotempo- moção)

Atualmente a escola está inserida num Agrupamento de escolas sendo elas a Escola Secundária/3 de Ermesinde, a EB2/3 D. António Ferreira Gomes, a EB1/JI da Bela, a EB1/JI da Gandra e a EB1/JI de Sampaio, das quais oferece o ensino pré-escolar, 2º e 3º ciclos de ensino e o Ensino Secundário. O agrupamento apresenta uma vasta gama de cursos entre os quais passo a citar: Cursos de Educação e Formação (CEF), Cursos Profissionais, Cursos de

Educação e Formação de Adultos de dupla Certificação, nível secundário e Cursos Vocacionais.

A estrutura física da escola divide-se em cinco grandes blocos, de construção idêntica, onde o bloco, colocado frontalmente á entrada da escola define-se como sendo o bloco administrativo, uma vez que contempla a secretaria, o refeitório, polivalente, bar, papelaria, sala da direção e PBX.

Outros três blocos são constituídos maioritariamente pelas salas de aula. Ainda existe o bloco D que se caracteriza por possuir as oficinas.

Para a lecionação das aulas de EF, a escola apresenta um pavilhão gimnodesportivo, um campo de jogos e uma pista de atletismo à volta do campo de jogos.

4. Realização da Prática Profissional

4.1. Área I - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Depois de ter relatado o contexto geral do meio envolvente ao meu Estágio Profissional proponho-me agora a descrever as experiências vivenciadas durante o estágio e ao que às quatro áreas de desempenho dizem respeito: I - Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem; II- Participação na Escola e Relação com a Comunidade; III- Desenvolvimento Profissional.

Este ano de estágio foi uma mistura de sentimentos. Uns melhores outros piores, mas foram todos estes sentimentos que me fizeram crescer enquanto profissional e por conseguinte obrigar-me a procurar sempre mais e melhor para os meus alunos e para mim. Assim sendo, neste capítulo vou relatar uma reflexão cuidada de todas as experiências vividas ao longo do ano.

Para que a reflexão deste capítulo seja feita de modo cuidado e o mais pormenorizado possível vou recorrer às reflexões feitas durante o ano para que me escape o menos possível e, como refere Shön (cit. por Cunha 2008), realizar um dos quatro conceitos referentes à reflexão: "...refletir sobre a reflexão na ação." (pp.75-76) Este tipo de reflexão faz com que inovemos e influencia a prática docente.

Antes de chegar o primeiro dia de aulas, eu e o meu núcleo de estágio começamos por reunir com o PC para planear o ano letivo. Estas reuniões serviram para realizar alguns documentos relativos ao planeamento anual, roulement, discutir acerca dos melhores horários das turmas para cada um de nós, etc. Dado os espaços serem limitados decidimos que o melhor seria começar pelas modalidades que podem ser mais facilmente lecionadas no interior do pavilhão pois durante o inverno as probabilidades de chuva são grandes e por conseguinte a impossibilidade de a aula decorrer no exterior. Havia a possibilidade de aulas teóricas e salas disponíveis para tal, mas tal como está definido nos objetivos do Programa da EF para o 3º ciclo (2001 p.

12) torna-se impossível através deste tipo de aula promover aquilo que é realmente necessário na disciplina de EF:

“Participar ativamente em todas as situações e procurar o êxito pessoal e do grupo:

- Relacionando-se com cordialidade e respeito pelos seus companheiros, quer no papel de parceiros quer no de adversários;
- Aceitando o apoio dos companheiros nos esforços de aperfeiçoamento próprio, bem como as opções do(s) outro(s) e as dificuldades reveladas por eles;
- Interessando-se e apoiando os esforços dos companheiros com oportunidade, promovendo a ajuda para favorecer o aperfeiçoamento e satisfação própria e do(s) outro(s);
- Cooperando nas situações de aprendizagem e de organização, escolhendo as ações favoráveis ao êxito, segurança e bom ambiente relacional, na atividade da turma;
- Apresentando iniciativas e propostas pessoais de desenvolvimento da atividade individual e do grupo, considerando também as que são apresentadas pelos companheiros com interesse e objetividade;
- Assumindo compromissos e responsabilidades de organização e preparação das atividades individuais e ou de grupo, cumprindo com empenho e brio as tarefas inerentes.”

A necessidade de planeamento surgiu, e, para além dos conhecimentos pedagógicos, pedagógicos de conteúdo e o conhecimento do contexto, tornou-se para mim extremamente complicado adaptar um planeamento que compadece-se com a realidade encontrada na minha turma em particular. Mas, afinal o EP era isto mesmo, um choque com a realidade e uma oportunidade para eu me colocar à prova e finalmente estar numa posição que sempre desejei, a de ser Professor de Educação Física.

Desde sempre que tive boas relações sociais e, sendo eu treinador de futebol há 5 anos, esta experiência trouxe-me algumas vantagens. Sabendo de antemão que o contexto é diferente do treino para a escola queria na mesma criar uma empatia grande com os alunos pois não acredito que tenha de

encarar uma personagem dura e rígida para ter o respeito dos alunos. Tentei sempre ao longo de todo o ano ser eu mesmo e olhando agora para o final do ano letivo em nada me arrependo disso. Os laços criados com os alunos foram bastante positivos na aprendizagem deles conseguindo muitas das vezes perceber problemas extraescola, e que, do meu ponto de vista, fizeram a diferença para perceber melhor como lidar com cada um.

Chegada então a altura de enfrentar os meus alunos tinha preparado para a primeira aula uma breve apresentação acerca dos conteúdos que íamos abordar ao longo do ano letivo. Falei também acerca do meu percurso académico e desportivo não porque acho que seja fundamental mas porque queria que vissem em mim uma pessoa interessada e dedicada em relação à Educação Física.

Ainda na primeira aula entreguei uma ficha de caracterização dos alunos para deste modo os conhecer melhor. Assim que cheguei a casa e consultei as fichas confesso que fiquei apreensivo, dada a heterogeneidade de problemas existentes. Tive problemas como autismo, alunos que não conhecem os seus pais, alunos com ligeiro atraso mental, alunos com problemas motores graves e alunos que pura e simplesmente não gostam da disciplina de Educação Física. Enfim, um rol de problemas que me fizeram questionar muito, sobre como iriam decorrer as aulas e quais as ferramentas a usar para tentar que os alunos gostassem das aulas e da EF em geral.

A acrescentar a estes problemas ainda tinha que lidar com outro, a escola. A falta de recursos e de condições de trabalho nas escola foi igualmente um fator de preocupação. Para nós, professores, que queremos e devemos inovar e renovar o nosso ato pedagógico, deparamo-nos frequentemente com limitações de material didático, como por exemplo, a conservação de edifícios, do mobiliário, da qualidade e quantidade dos materiais didáticos, das instalações apropriadas, etc. Eu não fui exceção, já que a escola onde realizei o meu Estágio Profissional apresenta debilidades a todos estes níveis.

A complexidade do ato educativo continua a crescer e as exigências são cada vez maiores. A minha função enquanto professor é cada vez mais

multifacetada, uma vez que não basta eu ter os conhecimentos específicos das modalidades, nem um conjunto de técnicas e de estratégias de ensino. O professor de hoje em dia tem que assumir vários papéis e funções: “ (...) um profissional sobrecarregado de trabalho, obrigado a bater-se simultaneamente em várias frentes, tais como manter a disciplina sem deixar de ser simpático; atender individualmente os alunos mais avançados sem abandonar os mais atrasados; programar; avaliar; manter um bom clima na aula; receber e informar os pais acerca dos progressos e do comportamento dos filhos; organizar diversas atividades para a escola ou até mesmo tratar de problemas burocráticos.” Teodoro (cit. por Cunha, 2008 p. 31).

Depois de um período de introspeção e preocupação pensei que devia encarar tudo isto não como um problema mas como uma oportunidade única de evoluir enquanto professor.

Durante a minha formação na faculdade, não fui preparado para lidar com todos estes tipos de problemas já que o contexto em que lecionamos é muito controlado e estável. Do meu ponto de vista, nos seminários que foram existindo na UD de tópicos podia e devia ter havido espaço para discutir um pouco sobre estes assuntos e criar mesmo um debate em que todos nós ajudássemos a encontrar alternativas para os mais variados problemas.

Canário (2005) defende que “as escolas do ensino básico e secundário devem ser encaradas como um local fundamental de aprendizagem para o futuro professor. É necessário que o contacto com estas realidades seja o mais precoce possível e se inicie logo nos primeiros anos de licenciatura, não ficando apenas circunscrito a uma etapa final de estágio”. Talvez se isto acontecesse, estes tipos de problemas não seriam tão complicados de lidar para o professor estagiário.

As primeiras aulas foram destinadas aos testes de fitnessgram em que todos os professores do núcleo se ajudaram mutuamente na realização destes testes para ser mais rápido e passar rapidamente para as modalidades propostas para o 9º ano de escolaridade.

Depois de feitos os teste de fitnessgram discuti com o PC como seriam feitas as Avaliações Diagnósticas. Houve elementos do meu núcleo que

optaram por fazer de início todas as avaliações diagnósticas às várias modalidades, contudo eu preferi fazer antes no início de cada UD. No que toca às modalidades coletivas há conteúdos que, do meu ponto de vista, podem ser facilmente transferidos, como tal, o nível dos alunos pode alterar-se e o resultado da avaliação diagnóstica pode não corresponder à realidade após alguns meses de prática noutras modalidades coletivas.

As grelhas de avaliação consistiram essencialmente em 3 níveis: realiza, realiza com dificuldade e não realiza. Esperava que fosse mais difícil realizar a avaliação diagnóstica a todos os alunos, pensando eu que o tempo seria um entrave. O facto de a observação ter de ser rápida podia induzir-me em erro e enganar-me na avaliação a algum aluno. Contudo, ao longo do ano nunca me apercebi que algum aluno tivesse sido mal avaliado da minha parte. Um grande problema que constatei ao longo do ano e que me dificultou o planeamento de aula e a organização da mesma foi o facto de ter sempre dois grupos de alunos distintos. Os alunos que realizavam relativamente bem os conteúdos, e, aqueles que apresentavam extremas dificuldades na realização dos mesmos.

Após a primeira aula observada pela PO (Professora Orientadora), reuni-me com a mesma para discutirmos acerca da aula. Depois de uma breve conversa disse-me que podia ser mais específico em relação aos objetivos a que me propunha em cada aula. De facto, isto foi uma grande viragem na realização quer nos planos de aula quer nas Unidades Didáticas. O facto de eu me centrar apenas num aspeto durante um determinado tempo da aula, faz com que a informação dada aos alunos seja menor e desta forma seja mais facilmente assimilada a informação.

Partindo para aquilo que foram as aulas propriamente ditas, a UD com que comecei foi o Basquetebol. A par desta modalidade a ginástica e o atletismo também iam ser abordados durante o 1º período. Ambos os blocos eram às 8:15h sendo que à 4ª feira um bloco de 90 minutos e à 6ª feira um bloco de 45 minutos. Os blocos de 90 minutos ficaram praticamente reservados para as aulas de ginástica já que é necessário tempo para montar o material e à *posteriori* desmontar. Deste modo as aulas de basquetebol foram logo à partida limitadas pelo tempo. Como em qualquer aula de EF os alunos

precisam de trocar de roupa antes e depois da aula. Como se já não bastasse, o primeiro tempo da manhã ainda é propício a atrasos. Posto isto, as primeiras aulas foram um pouco difíceis já que os alunos iam chegando aos poucos. “Mais uma vez a aula de 6ª feira começou tarde visto ser a primeira aula da manhã.” (aula nº 17- basquetebol) Eu mostrei compreensão mas pedi que à 6ª feira fossem rápidos a vestir-se para não se atrasarem pois o tempo de aula ficava muito reduzido. Os alunos foram compreensivos e este aspeto melhorou ao longo do ano letivo. Depois de feita a Avaliação Diagnóstica percebi que o nível era baixo quer ao nível técnico quer tático. A minha ideia era que os alunos ficassem a perceber como era o jogo de basquetebol. Contudo, focalizei muito a minha atenção para os aspetos técnicos e na melhoria do manuseamento de bola para que depois no jogo a percentagem de sucesso fosse maior. O PC deu-me sempre liberdade para gerir as coisas à minha maneira, embora me tentasse sempre alertar para aspetos que poderia melhorar. E a dada altura disse-me: “Nuno, se o teu objetivo é que os alunos compreendam o jogo não te foques tanto nos aspetos técnicos mas sim nos táticos”. Palavras sábias. De facto, apesar de muitos alunos manifestarem dificuldade ao nível técnico, o jogo começou a ser muito mais fluido. As perdas de bola começaram a ser menores, as situações de finalização aumentaram significativamente assim como a envolvimento de todos os alunos durante o jogo.

Desde as primeiras aulas que tentei incutir gosto pela prática desportiva nas minhas aulas, tentando-lhes mostrar que para mim o importante era que eles fossem alunos interventivos e participativos. Este objetivo foi em grande parte cumprido, já que o número de faltas às minhas aulas foi muito baixo e foram poucas as vezes em que os alunos ficavam apenas a assistir às aulas. Consegui, no meu ponto de vista, então criar empatia com os alunos e estes tentaram sempre o seu melhor em todas as modalidades. Durante a fase inicial outro dos meus propósitos era o de manter a disciplina e o controlo da turma. Apesar dos mais variados problemas que a turma tinha, o comportamento não foi algo com que me tivesse de preocupar. As situações de mau comportamento não foram significativas e nunca nenhum aluno me faltou ao

respeito. Sempre que me dirigia a qualquer um deles estes ouviam e respeitavam aquilo que tinha pra lhes dizer. Lembro-me de dizer aos meus alunos: “isto é um espaço de aula e há espaço para se fazer e dizer muitas coisas, mas para uma coisa não há espaço: a falta de respeito quer para comigo quer para com os vossos colegas”.

No primeiro período para além do basquetebol, também planeei as UD de ginástica e de atletismo. O atletismo foi uma UD particular na medida em que foi distribuída pelos 3 períodos do ano letivo.

Apesar da UD de ginástica constar no programa desde muito cedo, a percentagem de alunos que nem um rolamento à frente fazia era assustador. Organizei as aulas de ginástica sempre por estações em que estabeleci juntamente com os alunos rotinas de trabalho para facilitar o ensino aquando da mudança de estação. O meu objetivo inicial para esta turma era fazer com que todos os alunos realizassem o rolamento à frente e à retaguarda. A progressão dos alunos foi rápida embora tivesse que despende algum tempo com os alunos mais debilitados e menos com os mais avançados. Contudo, achei que era importante aproximar os alunos com mais dificuldades aos melhores alunos. Os alunos que apresentavam grandes dificuldades perderam o medo à modalidade e inclusive a Alexandra (aluna autista) acabou a UD a fazer todos os elementos propostos excetuando o salto ao eixo no boque. Os alunos mais avançados precisavam de algo que lhes fosse mais desafiante e em alguns momentos fiquei, com os alunos que queriam, durante parte do intervalo a treinar o mortal á frente. O entusiasmo era tanto que não tinha coragem de dizer que não aos alunos que me pediram para treinar o mortal à frente.

Em relação às aulas de atletismo comecei por abordar a resistência aeróbia. Sabendo de antemão que os alunos não gostam de forma geral deste tipo de atividade física, abordei esta temática sempre de forma competitiva de modo a que eles não encarassem como uma mera corrida constante e aborrecida. Sem se aperceberem muito bem daquele que era realmente o objectivo, os alunos trabalhavam a resistência aeróbia e no final do ano só 3 alunos não melhoraram o tempo da primeira para a segunda corrida da milha.

Com este tipo de aulas durante o primeiro período foram 13 os alunos que consegui com que participassem no corta-mato da escola. Inicialmente só 3 alunos é que queriam participar e no final fiquei satisfeito, porque, para além de irem mais alunos, estes mostraram-se preocupados com os resultados dando-me satisfações daquilo que foi o seu desempenho.

Durante o meu Estágio Profissional abordei uma modalidade que consta no programa de Educação Física mas que poucos alunos têm a possibilidade de a praticar na escola, o Judo. Na primeira aula aquando da minha apresentação, abordei os alunos sobre a possibilidade de lecionar esta modalidade. A resposta foi pronta da parte deles, sim! Deste modo, falei com o PC qual a sua opinião em relação a este tema e este disse-me que achava bem dado a minha experiência nesta modalidade. Como me sentia à vontade nesta modalidade e os alunos estavam extremamente curiosos e ansiosos por abordar esta modalidade foi extremamente fácil a organização e clima de aula. De início tinha planeado apenas 6 aulas para esta UD dado que era uma novidade para eles e estava receoso que depois de começar os alunos não gostassem assim tanto destas aulas. Como se manifestou o contrário alterei o Planeamento Anual e consegui mais um bloco de 90 minutos para esta modalidade.

Em termos de conteúdos abordei todos os de nível introdutório e ainda do nível elementar tal era a predisposição dos alunos à transmissão de conhecimentos dada por mim.

Um aspeto interessante durante esta modalidade foi que em nenhum momento os alunos criaram conflito entre eles. Ao passo que num desporto coletivo os alunos por vezes criam conflitos quer com os da sua equipa quer com os da equipa adversária no caso do Judo os alunos foram sempre cordeais uns com os outros.

Para além da ginástica esta foi uma modalidade que também tive de dar especial atenção à aluna Alexandra. Sendo esta aluna autista, revela problemas ao nível de socialização, e, como tal, o contacto com os outros torna-se uma árdua tarefa. No início do ano letivo pesquisei acerca da integração destes alunos na escola e modos de atuação com os mesmos. Um

dos desafios que encontrei é que para além de estes alunos terem dificuldade em criar laços, é também difícil fazer com que nos olhem nos olhos. A par do basquetebol, a ginástica foi abordada no 1º período. A ginástica é uma modalidade a que me obriga muitas vezes a tocar nos alunos e a estar próximo deles. Então desde logo falei com os restantes alunos para ajudarem esta aluna e tentassem que ela ganhasse confiança com eles. Assim como queria que a Alexandra ganhasse confiança com os colegas, também o desejava em relação a mim. Durante as aulas de ginástica preocupei-me em ajuda-la na realização dos exercícios assim como responsabilizava sempre o grupo dela. Claro que tive sempre bastante cuidado no grupo que ficava com ela tentando escolher aqueles alunos que eu sabia que eram mais prestáveis. Estas aulas foram um passo grande na compreensão da doença da aluna e do modo como lidava com ela. Mesmo quando não estávamos em aula, se por acaso me cruzava com a Alexandra na escola, que estava sempre sozinha, procurava falar com ela e tentar criar laços para que ela fosse mais receptiva aquando das aulas. Ao longo do ano letivo foi notório que os colegas estavam mais compreensivos em relação aos comportamentos desta aluna sendo mais cooperativos durante as aulas.

Sendo o voleibol um desporto muito técnico esperava que fosse uma UD complicada em gerar incrementos na aprendizagem dos alunos. Para além dos alunos não dominarem os aspetos técnicos, em termos táticos revelavam também bastantes dificuldades. Foi necessária a realização de bastantes exercícios até que o passe e a manchete fossem habilidades que os alunos conseguissem dominar para que posteriormente o jogo fosse fluido. Ao nível do serviço os alunos não manifestaram problemas de maior. Um vício que foi complicado de eliminar tem que ver com o facto de os alunos passarem a bola para o outro lado da rede ao primeiro toque. Foi necessário criar exercícios específicos para melhorar o posicionamento dos alunos no jogo 2x2 para posteriormente obrigar a que os alunos usassem os 3 toques permitidos antes de enviar a bola para o outro lado da rede. Passadas algumas aulas a oportunidade de remate surgia já que com os 3 toques os alunos conseguiam aproximar a bola da rede. Foi nessa altura que introduzi o remate. Após

algumas aulas a exercitarem o remate em apoio sem grandes problemas surgiu um novo desafio para mim, o remate em suspensão. Inicialmente a grande maioria manifestou sérias dificuldades em coordenar o tempo de salto com o momento do remate. Como lhes pedi que no passe a bola fosse enviada alta, isto fez com que os alunos agora sentissem mais dificuldades no remate em suspensão já que se a bola for demasiado alta torna o remate mais difícil de executar. Foi novamente um desafio conseguir com que os alunos conseguissem realizar um passe que não fosse nem muito alto nem muito baixo.

Quando os alunos conseguiram reconhecer os papéis de cada um no jogo 2x2 foi então que abordei o 3x3. No jogo 3x3 os alunos não sentiram grandes dificuldades depois de perceber que o segundo toque é realizado para o aluno que está perto da rede. Deste modo, a passagem do jogo 2x2 para o jogo 3x3 foi fácil.

A modalidade seguinte foi o badminton. Esta UD foi provavelmente a que mais dificuldade tive no que toca à organização da aula. O espaço era extremamente pequeno para quase 30 alunos e tornava difícil pôr toda a gente em prática ao mesmo tempo. Para tentar colmatar este problema, conversei com os outros professores da escola na tentativa de poder ficar com 2/3 do pavilhão para as aulas de badminton. Os professores, como sempre, cooperaram e sempre que possível facultaram-me o seu espaço.

Em conversa com o PC perguntei-lhe o que achava de criar um campeonato de badminton no final da UD. Pretendia com isto que os alunos se abstraíssem um pouco da avaliação a que estavam a ser alvo e jogarem do modo mais natural possível. Esta estratégia funcionou lindamente. Criei 2 ligas(uma com rapazes e outra com as raparigas) em que em cada uma delas os alunos jogam todos uns contra os outros. No final destes jogos as 3 primeiras raparigas sobem para a divisão dos rapazes e os 3 últimos da divisão dos rapazes descem para a divisão das raparigas. O meu medo era que os alunos que descessem para a divisão das raparigas ficassem desmotivados com as aulas e se sentissem à parte. Tal não aconteceu, e futuramente vou usar este

método nas aulas para a avaliação. Tornou-se um ambiente mais natural e sem pressão para os alunos.

Resta-me relatar um pouco sobre o que foi a UD de futebol. Esta foi provavelmente a modalidade que me proporcionou mais problemas. Inicialmente não pensei aplicar o Modelo de Educação Desportiva (MED), devido às características dos alunos e à heterogeneidade de comportamentos. Contudo, na didática de atletismo achei bastante interessante este modelo proposto por Siedentop e aplicado pelo Prof. Ramiro Rolim.

No futebol foi ainda mais notório a diferença entre rapazes e raparigas. As raparigas manifestaram graves problemas ao nível da relação com a bola ao passo que uma grande maioria dos rapazes jogava futebol fora da escola. Contudo, decidi aplicar o MED e tentar através de um tipo de ensino diferente, despertar o gosto pela modalidade às raparigas e por outro lado proporcionar aos rapazes a fuga ao normal e vulgar ensino do futebol. Nos rapazes não me arrependi de aplicar este tipo de ensino já que a competitividade entre eles foi crucial para que os alunos cumprissem com os conteúdos pretendidos por mim para obterem mais pontos que a outra equipa. Quanto às raparigas o desinteresse por esta modalidade continuou e confesso que não vi melhorias ao nível técnico delas. Ao nível tático ficaram a perceber melhor o jogo e já sabiam colocar-se em campo mas o problema com a bola continuou. As receções de bola eram quase sempre deficientes assim como o passe. Foi difícil para mim encontrar soluções para que o jogo fosse mais real e certamente esta UD vai ser alvo da minha preocupação no futuro enquanto professor de EF.

No final de cada período realizei um teste escrito relativamente às modalidades abordadas nesse mesmo período. O teste não servia para quantificar o resultado ou nota final do aluno até porque só correspondia a 15% da avaliação final do período. O teste escrito foi também para mim um modo de saber se a transmissão de conhecimentos estava a ser boa da minha parte. Como refere a dada altura Bento (2006, pp. 176) “Por isso, analisar e avaliar o próprio ensino constitui um «INCÓMODO» NECESSÁRIO.” Foi excelente para mim conversar com eles acerca dos testes e perceber as matérias de ensino

onde fui sendo mais explícito ou não. Para a realização dos testes distribuí sempre por todos os alunos um resumo da matéria para os orientar.

4.2. Área II e III- Participação na Escola e Relação com a Comunidade

Uma das coisas que queria participar e não pude tem que ver com o desporto escolar. As atividades no Desporto Escolar decorriam em horário paralelo aos meus treinos de futebol e como tal não podia estar presente e ser diretamente participativo. No entanto quando me eram solicitados conselhos ou ajuda para a organização ou até cativar alunos para participarem fui sempre colaborativo e tentei ajudar no que pude. Chegou-se a estudar a possibilidade de abrir a modalidade de Judo ao nível do Desporto Escolar mas o espaço no pavilhão e os horários disponíveis eram incompatíveis. Fiquei triste pois para além de divulgar a modalidade de Judo de que tanto gosto é um desporto que traz inúmeras vantagens ao nível social e físico aos praticantes.

Ao não poder participar no desporto escolar tentei também perceber melhor como funcionava a direção de turma e quais os procedimentos e responsabilidades que um diretor de turma tem. A diretora de turma do 9ºH não foi muito acessível quando o meu PC lhe perguntou sobre a possibilidade de eu participar nas reuniões com os pais. Era algo de que gostava e achava interessante porque depois da primeira reunião de turma com os restantes professores das outras disciplinas, percebi que a postura de alguns alunos não era a mesma em relação à minha aula. Falou-se individualmente sobre cada aluno e diziam as coisas mais atrozes possíveis e imaginárias em relação aos alunos. Nas primeiras aulas também eu sem saber como eram os alunos e o seu modo de estar tive que arranjar estratégias de modo a lidar com os alunos. Também sei que o contexto da minha disciplina é diferente de todas as outras mas a minha pergunta no final de tudo foi: Será que algum dos professores já perdeu um pouco do seu tempo a falar individualmente com os alunos e tentar perceber e compreender os seus problemas? Eu fi-lo mais que uma vez, e ao longo do ano não tenho a mínima dúvida de que o comportamento e forma de estar de alguns alunos mudou. Aquilo que eles precisavam era de alguém que em vez de os culpabilizar a toda a hora, os tentasse fazer ver que aquele tipo de comportamento desordeiro não ia resolver nada muito menos fazer deles

melhor que os outros. Na minha aula resultou e na reunião de professores houve casos de 2 alunos em que o seu comportamento melhorou significativamente. Fiquei feliz por saber que pude ajudar os outros professores contudo acho que naquela primeira reunião devia ter intervindo e poder conversar e discutir o assunto com eles.

Relativamente às atividades em que os professores estagiários participaram foi: o torneio de basquetebol 3x3, o mega-sprint, o corta-mato e ainda o torneio de voleibol 2x2.

Em todos elas foram divididas tarefas pelos vários professores mas a atividade de maior proporção foi o corta-mato escolar. Foi necessário para além das habituais autorizações para os alunos, fazer dorsais, marcar o terreno da corrida, acompanhar os alunos para o espaço tratar de lanche e ainda arranjar patrocínios e prémios para toda a gente. Um dos Professores de EF está muito ligado ao atletismo e foi crucial o seu conhecimento na modalidade para o antes o durante e o após prova. Aprendi muito com ele na organização de um evento tão grande que exigiu várias semanas de preparação. A afluência à prova foi grande e como tal essa preparação não foi demais. Eu fiquei responsável pelo registo dos tempos de todos os atletas, tinha que passar o registo dos tempos de cada atleta para um ficheiro em formato excel para posterior classificação.

Outra atividade organizada pelos professores estagiários foi o torneio de basquetebol. Para este torneio colocou-se cartazes afixados na escola e cada professor de Educação Física entregou uma ficha de inscrição aos alunos que queriam participar. As inscrições tinham data limite para que pudéssemos organizar o evento consoante o número de equipas participantes. Depois da data limite fiz então a calendarização dos jogos. Organizei por hora e campo para que todas as equipas soubessem onde iam jogar e a que horas. Contudo, no dia do torneio foram vários os alunos a pedir para participar no torneio. Falei com o PC e perceber o que ele achava e ele disse-me que era importante integrar todos os alunos e desta forma tentar organizar na mesma o torneio com as novas equipas. O mapa de jogos preparado deixou de poder ser utilizado e teve que se organizar de outra maneira. A solução encontrada foi

dividir por escalões e ir fazendo os jogos de cada escalão. O problema foi que os alunos estavam sempre a perguntar a que horas e onde é que iam jogar, e nós não tínhamos uma resposta em concreto para dar. Eu acho bem que todos os alunos devam participar e na altura concordei com o professor que se devia integrar todos os alunos, mas, o problema é que outras equipas deixaram de participar devido à confusão que originou a integração de novas equipas. Como nenhum aluno podia estar dentro do pavilhão se não estivesse a jogar os alunos esperavam fora do pavilhão que nós os chamássemos para jogar. Houve equipas que estavam inscritas e tinham vindo fazer a acreditação antes do início do torneio e que depois não participaram.

No futuro, não vou proceder da mesma maneira, salvo raras exceções, pois do meu ponto de vista, se os alunos tiveram tempo suficiente para se inscrever e foram avisados da existência do torneio com antecedência, não se pode comprometer a organização do torneio por causa de alunos que não cumpriram com as datas propostas. É talvez porque os professores facilitam a entrada dos alunos no próprio dia, que este tipo de situações se continua a verificar.

Por último, participei juntamente com o meu núcleo de estágio na organização do Mega Sprint. Este evento compunha a corrida de velocidade de 40m, o lançamento do peso, salto em comprimento e os 1000m. Previamente todos os professores tinham que realizar nas aulas estas 4 provas porque só os alunos que obtivessem um mínimo pré-estabelecido é que poderiam participar. Eu e outro professor ficamos colocados nos 40m a conduzir a prova. Neste evento tentamos que mesmo os alunos que não iam participar nas provas pudessem ajudar na organização tornando mais fácil a nossa tarefa. Foi ótimo porque notou-se que estavam empenhados e sentiram-se lisonjeados por estar ao nosso lado durante todo o evento. Acho importante esta cooperação entre alunos e professores e penso que só traz vantagens para a comunidade escolar.

4.3. Área IV- Desenvolvimento Pessoal

Durante o ano letivo era suposto realizar um estudo de investigação que fosse relacionado com a EF. A PO sugeriu um tema em que depois cada um dos professores estagiários poderia abordar uma das variáveis. O estudo estava relacionado com os estilos parentais e que influência o tipo de estilo parental poderia ou não acarretar na atividade física do filho. O estudo foi iniciado, cheguei a realizar o questionário acerca dos estilos parentais e procedi à colocação de acelerómetros. Contudo, devido às atividades escolares e extraescolares não me foi possível terminar o estudo.

Algo que contribuiu em grande parte para a minha formação enquanto professor foi o observar as aulas dos meus colegas. Não é que eu já não tivesse presenciado aulas mas depois de ser realmente professor e de estar a passar pela experiência o espírito crítico e a atenção voltada para aquilo é muito maior. É interessante perceber os modos de atuação de outros professores e partindo daí perceber o que posso acrescentar ao meu processo de ensino.

Em conversa com o PC perguntei-lhe o que achava de criar um campeonato de badminton no final da UD. Pretendia com isto que os alunos se abstraíssem um pouco da avaliação a que estavam a ser alvo e jogarem do modo mais natural possível. Esta estratégia funcionou lindamente. Criei 2 ligas (uma com rapazes e outra com as raparigas) em que em cada uma delas os alunos jogam todos uns contra os outros. No final destes jogos as 3 primeiras raparigas sobem para a divisão dos rapazes e os 3 últimos da divisão dos rapazes descem para a divisão das raparigas. O meu medo era que os alunos que descessem para a divisão das raparigas ficassem desmotivados com as aulas e se sentissem à parte. Tal não aconteceu, e mais uma vez refiro que futuramente vou usar este método nas aulas para a avaliação pois tornou um ambiente mais natural e sem pressão para os alunos.

5. Conclusão e Perspetivas Futuras

Sendo o estágio o término da minha formação inicial, foi o ano em que pela primeira vez estive num contexto real a lecionar e que tive alunos à minha responsabilidade. Foi o ano de pôr em prática todas as minhas experiências assim como todo o conhecimento adquirido ao longo da minha formação.

Esta experiência foi fundamental para perceber na realidade o contexto escolar e ser eu mesmo confrontado com ela enquanto professor. De acordo com o estudo realizado por Braga da Cruz et. al. (1988) cit. por Cunha (2008, p.39) os resultados referem que a maioria dos professores portugueses consideram-se insatisfeitos com “ (...) as condições materiais do seu trabalho: 54,1% criticam a insuficiência de espaços, 47,2% a inadequação dos equipamentos e 46,6% a inadequação do número de alunos à dimensão da escola.” Durante este ano letivo vivi de perto esta realidade. Mais em relação à insuficiência de espaços e à inadequação do número de alunos relativamente ao tamanho da escola. Neste sentido, é importante que durante a formação na faculdade sejamos consciencializados e preparados para este tipo de realidades.

Segundo Simões (1994) cit. por Cunha (2008) a intervenção do professor pode ser expressas segundo 3 componentes: a sua competência, ou seja, os seus conhecimentos, a capacidade e a valorização profissional que o professor traz para a sua ocupação; pelo desempenho em termos do comportamento de ensinar, e por fim pela sua eficiência, ou seja, o impacto que o professor tem nos seus alunos. Olhando para trás, e segundo esta apreciação de Simões, fico com um sentimento de dever cumprido no que toca às aprendizagens dos meus alunos. Fiquei satisfeito por ver os meus alunos que não conseguiam fazer o rolamento à frente, a conseguir fazê-lo, os que não conseguiam dar 3 voltas à pista conseguirem dar 6, os que não conseguiam sustentar o volante passaram a conseguir, enfim, todas estas pequenas coisas que me fizeram querer continuar todos os dias, todas as aulas, numa melhoria constante das minhas capacidades enquanto profissional.

Em relação a perspectivas futuras e tendo em conta a situação de empregabilidade em Portugal, parece-me difícil vir a exercer a profissão de docente nos próximos anos. Não obstante deste problema a formação contínua terá de continuar a ser um caminho a seguir já que a realidade escolar se encontra em constantes mutações. Vou ter de procurar alternativas e continuar a minha formação para quando surgir a oportunidade eu estar à altura dos acontecimentos.

Bibliografia

Alarcão, L., e Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica: Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.

Bento, J. O. (1979). *Formação de Professores*. Centro de Documentação do Instituto Superior de Educação Física da Universidade do Porto.

Bento, J. O. (2008a). *Da Coragem, Do Orgulho e Da Paixão de Ser Professor: Auto-retrato*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.

Bento, J. O. (2008b). *Formação de Mestres e Doutores: Exigências e competências*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.

Canário, R. (2005). *O que é a escola? Um “olhar” sociológico*. Porto: Porto Editora.

Cunha, A. C. (2008). *Ser professor: Bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do professor.

Matos, Z. (2013). *Normas Orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Nascimento, J. V. e Farias, G. O. (2012). *Construção da Identidade Profissional em Educação Física: Da formação à intervenção*. (Vol. 2). Florianópolis: UDESC.

A intervenção no edifício da escola secundária de ermesinde é urgente.

Consult. 20 Ago 2013, disponível em:

<http://viajandonotempo.blogs.sapo.pt/30914.html>

História de Ermesinde. Consult. 4 Abr 2013, disponível em: http://www.jf-ermesinde.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=3